

**GÊNESE  
ANDRADE**  
(organizadora)

**JORGE  
SCHWARTZ**  
(consultor)

**MODERNISMOS  
1922—2022**

- 7 **APRESENTAÇÃO**
- 13 **SÃO PAULO EM MOVIMENTO: A CIDADE NO MODERNISMO E O MODERNISMO NA CIDADE**  
Anderson Kazuo Nakano
- 46 **A GALERIA BRASILEIRA DE 1889 COMO ORIGEM DAS ARTES VISUAIS NA SEMANA DE ARTE MODERNA**  
Felipe Chaimovich
- 68 **1922: O EVENTO-VESÚVIO E OS TEMPOS RENEGADOS**  
Elias Thomé Saliba
- 98 **PENSIONATO ARTÍSTICO PAULISTA: CONTEXTO SOCIOCULTURAL E RELAÇÕES COM AS ATUAIS RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS**  
Marcos Moraes
- 127 **AS MOLDURAS DO MODERNISMO**  
Kenneth David Jackson
- 153 **MANIFESTOS: A ESTÉTICA, A POLÍTICA, AS POLÊMICAS E O LEGADO**  
João Cezar de Castro Rocha
- 170 **A REPÚBLICA MUSICAL MODERNISTA**  
José Miguel Wisnik
- 196 **NO CIPÓ DAS FALAÇÕES: A FORMA DIFÍCIL DA POÉTICA MODERNISTA**  
Roberto Zular
- 231 **AS MULHERES NA SEMANA DE 22 E DEPOIS**  
Regina Teixeira de Barros
- 243 **ELAS ERAM MUITO MODERNAS**  
Maria de Lourdes Eleutério
- 270 **A SOCIABILIDADE MODERNISTA**  
Walnice Nogueira Galvão
- 297 **O NEGRISMO E AS VANGUARDAS NOS MODERNISMOS BRASILEIROS: PRESENÇA E AUSÊNCIA**  
Lilia Moritz Schwarcz
- 323 **O SÉCULO MODERNISTA QUE IA SER FUTURISTA: SOBRE MANCHETES, VANGUARDAS E O CONSENSO DE 22**  
Paulo Roberto Pires
- 348 **NO MEIO DO CAMINHO**  
Luiz Ruffato
- 380 **VISLUMBRES MODERNISTAS NO NORDESTE DOS ANOS 1920: DOS EVENTOS ÀS PUBLICAÇÕES**  
Humberto Hermenegildo de Araújo

- 405 A FORMA INQUIETA:  
DA KLAXON AO  
SUPLEMENTO DOMINICAL  
DO JORNAL DO BRASIL**  
Daniel Trench
- 428 VIRA-LATAS SEM  
COMPLEXO: NOTAS  
SOBRE A ANGÚSTIA DA  
ORIGINALIDADE NOS  
MODERNISTAS**  
Jason Tércio
- 449 O CASAL TARSIWALD E  
A MAISON PAUL POIRET**  
Carolina Casarin
- 478 TRANSMATRIARCADO  
DE PINDORAMA**  
Beatriz Azevedo
- 507 A SEXUALIDADE DE MÁRIO  
DE ANDRADE: A PROVA  
DOS NOVE**  
César Braga-Pinto
- 546 MODERNISMO BRASILEIRO:  
CRÍTICA LITERÁRIA  
PIONEIRA**  
Maria Augusta Fonseca
- 580 LUZ DA MEMÓRIA: TARSILA,  
REGO MONTEIRO, ANITA  
MALFATTI**  
Maria Izabel Branco Ribeiro
- 596 MEMÓRIAS DO  
MODERNISMO**  
Gênese Andrade
- 643 MODERNISMO  
EM EXPOSIÇÃO:  
TARSILA, PORTINARI  
E QUATRO MOSTRAS**  
Fabio Cypriano
- 662 REPRESENTAÇÃO,  
REPRESENTATIVIDADE  
E NECROPOLÍTICA NAS  
ARTES VISUAIS**  
Renata Aparecida Felinto  
dos Santos
- 687 QUATRO VEZES  
MACUNAÍMA**  
Marcos Antonio de Moraes
- 723 OS HERDEIROS DA  
ANTROPOFAGIA**  
Gonzalo Aguilar
- 754 MODERNISMO EM  
1922, 1992 E 2022:  
UM DEPOIMENTO**  
Wilson Alves-Bezerra
- 779 JAIDER ESBELL,  
MAKUNAIMÃ MANIFESTO  
E A COSMOPOLÍTICA  
DA ARTE INDÍGENA  
CONTEMPORÂNEA**  
Marília Librandi
- 809 SOBRE OS AUTORES**
- 820 AGRADECIMENTOS**
- 821 CRÉDITOS DAS IMAGENS**

# APRESENTAÇÃO

*O Brasil teve “modernismos” multiplicados por todo o país, ora para fazer coro com os paulistas, como tentativa de sintonização com a “nova sensibilidade”, ora para se contrapor, como foi o caso das correntes nacionalistas. [...] o caráter altamente programático da Semana deu aos princípios modernistas uma sólida base de projeção histórica. [...] A grandeza do projeto modernista reside não apenas nos atributos individuais dos fundadores do movimento, mas no caráter interdisciplinar do mesmo [...]*

JORGE SCHWARTZ,

“Prólogo à 2ª ed.”. In: *Vanguardas latino-americanas*, 2008.

Às vésperas do centenário da Semana de 22, o imponderável nos assola. Por ironia do destino, o mesmo clima pandêmico que em 1918 fez toda a população mundial confinar-se em suas casas sob a ameaça da gripe espanhola se repete em 2020 e se prolonga ainda, mas desta vez o temor é cientificamente chamado de covid-19. O impacto da situação na saúde pública, no urbanismo e na sociabilidade não pode ser negligenciado.

Inescapavelmente, as efemérides revivem os fatos, reavaliam-nos, põem-nos em xeque e os festejam, e o autoritarismo que marcou o cinquentenário do evento, sob a sombra da ditadura, novamente nos abate em um cenário de retrocesso político jamais previsto por aqueles que lutaram pela volta da democracia e menos ainda por aqueles que cresceram desfrutando dessa conquista.

Nesse contexto, que é também o do bicentenário da Independência, revisitar a Semana de 22 envolve avanços e recuos, novas perguntas e respostas em aberto numa reflexão centenária que gira em torno da ideia de mito (positiva ou negativamente), antecedentes e desdobramentos, sobre os quais não há consenso.

É instigante perceber que o tema não se esgota, ressurgem documentos esquecidos, imagens ausentes geram interrogações e in-

terpretações canônicas são postas à prova. Todos os eventos, debates, concursos, editais, artigos e livros que questionam e festejam a Semana de Arte Moderna dão a medida de que aqueles dias de fevereiro de 1922 que reuniram escritores, artistas plásticos e visuais, música e dança não foram irrelevantes e se tornaram um marco.

O adjetivo “futuristas” que pairou sobre as manifestações estéticas consideradas inovadoras que ocorreram no Brasil a partir de 1917 foi sobrepujado por “modernistas”, não sem polêmicas e discussões nas páginas de jornais conservadores e revistas de variedades ou de vanguarda, nos salões da elite paulista, nas casas dos intelectuais do período e nos estabelecimentos comerciais do hoje chamado centro velho de São Paulo.

O termo “Modernismo” com que se convencionou chamar o período teve sua polêmica ampliada com o “pré” e o “pós” a ele apostos para fins didáticos e tanto sua data inicial como a final ainda geram controvérsias.

Mais ainda, a denominação “Modernismo paulista” passou a ser, com o tempo, uma especificação para o que, aos olhos de alguns críticos, foi principalmente autopromoção, mas, aos olhos de outros, é uma parte importante de algo maior e plural: Modernismos, com ênfase no “s” final.

Se no momento de sua realização a Semana de Arte Moderna pouco repercutiu fora de São Paulo, o espaço ocupado por seus protagonistas na grande imprensa e a circulação das publicações nos anos subsequentes, especialmente as revistas, propiciaram que as novas ideias estéticas cruzassem as fronteiras dos estados e até mesmo as dos países vizinhos, chegando à Europa já em 1923, pela atuação dos artistas que foram a Paris estudar, ampliar seus conhecimentos estéticos e assim estabeleceram relações com os vanguardistas europeus que lhes abriram portas no exterior, vieram nos visitar e propiciaram a ampliação de nosso olhar sobre a própria cultura. De Natal a Porto Alegre, incluindo a Amazônia de Macunaíma, os livros e revistas foram pontes, desdobramentos e contrapontos para a reflexão sobre identidade, diversidade, novas e antigas manifestações estéticas, amizades e polêmicas.

Não há dúvidas de que o que faz os Modernismos propriamente são as produções artísticas que se sucederam a 1922, mas sem aqueles encontros multiartísticos tão comentados, dos quais não há registros fotográficos, provavelmente a repercussão dessas obras de arte não seria a mesma.

No contexto da reivindicação das minorias e da representatividade, as ausências e silêncios falam mais alto nas reflexões do século XXI sobre a Semana e seus desdobramentos.

À icônica fotografia do Theatro Municipal altivo e vazio, no Anhangabaú pouco povoado e sem arranha-céus, no registro preto e branco de Guilherme Gaensly, de c. 1920, sobrepõe-se o esboço feito por Yan de Almeida Prado, nos anos 1970, no qual ganha relevo o lugar ocupado pelas mulheres artistas no saguão do Theatro por ocasião da exposição da Semana de 22.

As mesmas mulheres estão ausentes da fotografia de 1924, no Hotel Terminus, durante anos legendada como sendo “do grupo da Semana de Arte Moderna”, que Carlos Augusto Calil revelou ser o registro de outro e posterior encontro, ao qual compareceram apenas os modernistas do sexo masculino. Ainda maior é a ausência da reflexão sobre a literatura escrita por mulheres na bibliografia do período, pois elas eram presença forte nas revistas de variedades e nas publicações das principais casas editoriais, mas não nas revistas de vanguarda. Será apenas em 1928 que a tese do “matriarcado de Pindorama” irá abrir espaço para as reflexões que dialogam com o pensamento feminista e ecoam nas herdeiras da Antropofagia que marcam a literatura e a música contemporânea.

Em 2019, a imagem do Theatro circula em vídeos e fotografias coloridas — lotado de jovens que ali entram pela primeira vez, vindos de bairros distantes e com referências sociais e culturais as mais diversas —, em evento capitaneado por Emicida, que, entre outros temas fundamentais, revisita a Semana acima de tudo para questionar o lugar dos negros na cultura brasileira, seu ocultamento ao longo do tempo, o pouco destaque dado à negritude de Mário de Andrade, o diálogo dos Modernismos com a cultura popular e as questões sociais. Não é um dado menor que a democratização do acesso ao Theatro só se deu nos anos 1930, graças à atuação do mes-